

RUTH
até 16/9

LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOTA AUTORIZAÇÃO
REPRESENTANTE NO R.G. SUP

"UM ELEFANTINHO INCOMODA MUITA GENTE"

OSCAR VON PFUHL

Personagens:

- BETINHO (menino)
- CIDINHA (irmã mais velha de Betinho)
- DUDU ((filhote de elefante, personagem a ser construído à base de mímica e atitudes características)
- DOIS ATORES E UMA ATRIZ para os seguintes papéis:
 - PAI
 - MÃE
 - FISCAL
 - DIRETOR DO JARDIM ZOOLOGICO
 - DONO DO CIRCO
 - TRAPEZISTA DO CIRCO
 - BALCONISTA
 - MOTORISTA DO ÔNIBUS
 - BONIFÁCIO (vizinho)
 - ANGÉLICA (vizinha)
 - PROFESSORA
 - BILHETEIRA DO CINEMA
 - PORTEIRO DO CINEMA
 - MULHER NO CINEMA



A peça se inicia com Betinho sentado a um canto do procênio, amuado, e o Pai de pé, no centro. Ao fundo, a Mãe e Cidinha estão sentadas, imóveis.

PAI

Pois é. Aí está você, sentado e quieto, esperando alguém. Em vez de estar brincando lá fóra, ou lendo um livro. E esperando quem? Um homem do Jardim Zoológico para levar embora o seu elefantinho. Tudo por culpa sua. Tenho ou não tenho razão?

BETINHO (aborrecido)

Ah, pai!

PAI

Você sabia que tudo ia dar numa complicação danada. P'ra nós todos, p'ros vizinhos, p'ro quarteirão todo, p'ro bairro todo. É ou não é? Todos se queixaram. Todos! O seu Bonifácio veio reclamar, a d. Angélica também. E veio o guarda do trânsito, veio o homem da sorveteria, o feirante, aquela gente do comércio na praça, o pessoal dos fundos, todos. E porque isso tudo? Porque?

BETINHO

Você sabe porque, papai.

PAI

Nessa estória tôda deve haver muita coisa que eu não sei...



BETINHO

Você sabe de tudo o que aconteceu!

PAI

... e deve haver muita gente que não apareceu para dar queixa do Dudu.

BETINHO

Eu não escondi nada de você, papai!

PAI

Você, não. Mas e êsse tal elefantinho? Êle pode ter feito muita travessura, que ninguém viu. E não conta porque não sabe falar.

BETINHO

O Dudu fala... assim... com as patas. E tudo o que êle fala eu sei entender.

PAI

Se êle soubesse falar mesmo, será que contaria tudo o que fez? Não acredito.

BETINHO

O Dudu é meu amiguinho, e tudo que acontece com êle eu fico sabendo.

PAI

Amiguinho! É um bobalhão, nada mais.

BETINHO

Êle só parece bôbo, papai. Mas é muito esperto.

PAI

Esperto, nada! Se fosse, não teria feito as estrepolias que fez.

BETINHO

Algumas bobaginhas êle fez. Isso fez. Mas é um elefante engraçadinho, e todos gostam dêle.

PAI

Engraçadinho? Com aquela tromba comprida, um corpanzil enorme, orelhas que não aca-



bam mais, perna grossa e um rabinho dêste tamanhinho? Qual o que!

BETINHO

Na rua tôda gente acha êle engraçadinho. Eu também acho, a Cidinha também.

PAI

Na rua, acham. É que não moram com êle. Imaginem só! Morar com um elefante dentro de casa!

BETINHO

Um elefantinho, papai! Um filhote de elefante.

PAI

É um filhote, está bem. Mas quando êle sentou no sofá da sala, desabou tudo no chão.

BETINHO

Isso foi no primeiro dia. Agora êle sabe que não pode sentar nas cadeiras.

PAI

Sim, agora sabe, naturalmente. Mas se eu deixasse, êle vinha comer na mesa conosco.

BETINHO

Não, papai. Êle agora está bem educado.

PAI

Educado ou não, tive de pôr aquêle mastodonte lá pra fora, no quintal. Senão êle entrava nos quartos, na cozinha, no banheiro... E quando eu quisesse tomar um banho, ia topar com um elefante no meu chuveiro!

BETINHO

Êle é tão bonzinho, papai! Não consegue falar, mas sabe escrever. Eu ponho um lapis na trombinha dêle, e êle escreve num papel.



PAI

Você não vai me dizer que êsse elefante escreve romances, poesias, peças de teatro, não? Devia era voltar para o circo de onde veio. Ainda bem que vai para o Jardim Zoológico. E que fique lá bem guardado. (Som de campanha.) Deve ser o homem do Zoológico. Vou ficar livre daquêle elefante. Até que enfim! A casa vai ficar mais tranqüila. Que bom! (Vai abrir a porta, é o Fiscal.)

FISCAL

Bôa tarde.

PAI

Bôa tarde. O sr. é do Zoológico?

FISCAL

Não. Sou Fiscal da Prefeitura. Vim vêr o aterro aí dos fundos da sua casa.

PAI

Ah, sim. Já recebi a intimação.

FISCAL

Preciso preparar um relatório. Dizem que o aterro está desmoronando. Os vizinhos estão com mêdo.

PAI

Pode entrar.

FISCAL

Já estive aí nos quintais dos lados, de d. Angélica e seu Bonifácio. Falta o seu. Com licença. (Entra por um lado, sai pelo outro.)

PAI (aparte)

Vai encontrar o aterro mais desmoronado ainda.

FISCAL (voltando assustado)

Tem um elefante lá no quintal.



PAI

É do meu filho. Pode ir lá, que êle é manso.

FISCAL

Será que êle não vai me pegar?

PAI

Não vai, não. Esteja tranqüilo.

FISCAL

Sim, porque as aparências enganam. Êle pode ser até uma fera.

BETINHO

O Dudu é muito mansinho. Nunca pegou ninguém. Pode entrar sem medo.

FISCAL

Está bem. Mas a gente precisa ser prudente, sabe como é. (**Vai sair novamente, volta-se para o Pai.**) Da sua casa vou passar para o vizinho do fundo, pelo muro. Depois voltarei para dar o meu relatório. Até logo.

PAI

Esteja a vontade. Até logo. (**Fiscal sai.**) Então, Betinho? (**Novo toque de campainha. O Pai vai vêr quem é.**)

DIRETOR DO JARDIM ZOOLOGICO (à entrada)

Bôa tarde.

PAI

Bôa tarde.

DIRETOR

Eu sou do Jardim Zoológico.

PAI

O sr. é o Diretor?

DIRETOR

Eu mesmo.

PAI (apertando a mão do Diretor)

Queira entrar. Estavamos esperando o senhor.



DIRETOR

Soube que o sr. deu um elefante ao nosso Zoológico.

PAI

É apenas um filhote.

DIRETOR

Agradecemos muito. Era seu mesmo?

PAI

Do meu filho. Dêste aqui.

DIRETOR

Ah, você é que é o Betinho?

BETINHO

Sim, sr. (Aperta a mão do Diretor.)

PAI

Já conhecia meu filho?

DIRETOR

Ouvi falar nêle. Não é qualquer garôto que possui um elefante no quintal.

PAI

De hoje em diante não possui mais.

DIRETOR

Sim, sim, eu sei. Recebi o ofício oferecendo o bicho.

PAI

O sr. naturalmente já veio preparado para levá-lo, não é?

DIRETOR

Trouxe um tratador, que conhece muito bem os elefantes. E um caminhão apropriado.

PAI

Betinho, vá buscar o Dudu.

BETINHO

Papai, pode esperar um pouquinho?

PAI

Esperar o que?



BETINHO

O Dudu está trabalhando.

PAI

Onde já se viu elefante trabalhar?

BETINHO

O Dudu trabalhava no circo, antes de ser meu.

PAI

Vá buscar, que o Diretor não pode esperar.

BETINHO

Está bem, papai.

DIRETOR

Um momento. Se o sr. não se incomodar, gostaria que o Betinho me contasse como ganhou o elefante.

PAI

Por mim, pode contar. Mas o sr. não está com pressa?

DIRETOR

Nenhuma. Tenho tempo de sobra. Pode me contar a estória tôda, Betinho?

BETINHO

Desde o começo?

DIRETOR

Desde o começo.

BETINHO

Até hoje?

DIRETOR

Até hoje, se você quiser.

BETINHO

É uma estória comprida.

DIRETOR

Não faz mal. Eu gosto.

BETINHO

No sábado eu fui à matinée do circo.



DIRETOR

Ah, muito bem! Também gosto de circo. Como se chama êsse?

BETINHO

Circo Mundial.

DIRETOR

Muito bem. E depois?

BETINHO

Eu fui com Mamãe e Cidinha. Cidinha é minha irmã. Papai foi ao jôgo de futebol.

DIRETOR

Eu também fui vêr futebol no sábado.

BETINHO

Quando acabou a matinée, o Dono do Circo convidou todo mundo para o sorteio.

DIRETOR

Tinha um sorteio naquêle circo?

BETINHO

Tinha. Cada entrada tinha um número. E valia p'ro sorteio. Mamãe e Cidinha me deram as entradas delas. Aí eu fui.

DIRETOR

Como foi o sorteio?

BETINHO

O Dono do Circo virava uma roda com os números. Virava e ia falando.

DIRETOR

Como era êsse Dono do Circo? Velho, moço?

BETINHO

Era parecido com o senhor

DIRETOR

Comigo?

BETINHO

Era. Muito parecido. Vestia uma casaca vermelha e uma cartola.



DIRETOR

Quer dizer que, se eu vestisse uma casaca vermelha e pusesse uma cartola, ficaria mais parecido ainda com êle?

BETINHO

Ficaria igualzinho.

DIRETOR

Vamos experimentar? Eu visto esta casaca, ponho a cartola e você vai contando a estória. Está bem?

BETINHO

Está. (O Diretor põe casaca e cartola, a cena se altera.)

DONO DO CIRCO

Minhas senhoras e meus senhores! Vamos continuar com o sorteio dos vários prêmios desta tarde. Vamos fazer girar a roda mágica, e alguém vai ter o prazer de ganhar uma encantadora prenda. Ficarã ela como recordação dêste magnífico Circo, que ora encerra suas atividades.

CIDINHA (aparecendo do outro lado e chamando)

Betinho! Venha! Betinho!

BETINHO (fascinado pelo Dono do Circo)

Que é?

CIDINHA

Mamãe já vai embora. Vamos!

BETINHO (sem prestar atenção)

Espere um pouco.

CIDINHA

Ela já vai indo. O circo já acabou, não tem mais nada p'ra vêr.

BETINHO

Tem o sorteio.



CIDINHA

Mamãe não quer esperar o sorteio.

BETINHO

Vão indo. Eu vou depois. Eu sei ir sozinho.

CIDINHA

Tá bem. Vou falar p'ra ela que você vai depois. (Corre para fora.)

DONO DO CIRCO

Pronto, senhores,, a roda mágica está virando e vai parar, e alguém será o dono de magnífica prenda. Recordação do último espetáculo do Grande Circo Mundial. Vejamos o número que deu. É o... é o... 275! Duzentos e setenta e cinco! Quem tem a entrada número 275? Quem tem? Vamos todos verificar?

BETINHO (para si mesmo)

Esta é da Cida: 421. A da mamãe é 371. A minha é: 275. Oba! É 275!

DONO DO CIRCO

Verifiquem suas entradas numeradas, senhores e senhoras. Confirmam seus números.

BETINHO

Moço! Moço! Minha entrada é 275!

DONO DO CIRCO

Como? A sua é 275? Vamos ver! Vamos ver! (Betinho dá a entrada, o Dono do Circo olha o número.)

DONO DO CIRCO

Realmente é o 275. Este jovem frequentador dos nossos magníficos espetáculos acaba de tirar um valioso presente na roda mágica. Uma autêntica surpresa!

BETINHO

Oba! Viva!



DONO DO CIRCO

O prezado jovem está de parabens! (**Aperta a mão de Betinho.**) Vamos ver a prenda sorteada agora. Já sorteamos um pônei e três cachorrinhos dançarinos. Este sorteio corresponde à melhor surpresa do dia: nosso querido DUDU!

BETINHO

Dudu? Quem é Dudu?

DONO DO CIRCO

É o elefantinho de estimação do Grande Circo Mundial. Você, meu jovem amigo, acaba de ganhar em sorteio o mais lindo elefantinho do mundo: Dudu!

BETINHO

É um elefante? De verdade?

DONO DO CIRCO

Claro que é de verdade. De carne e osso.

BETINHO

E ele agora é meu?

DONO DO CIRCO

Seu mesmo! Pode levá-lo para casa, dar, vender, trocar. Fazer o que quiser.

BETINHO

Então o senhor não quer mais o Dudu?

DONO DO CIRCO

Não, meu caro amigo. O circo vai se dissolver. Estamos dispendo de tudo. Lona, cadeiras, leão, pôneis, cachorrinhos. Tudo no sorteio das entradas.

BETINHO

E onde está o elefantinho?

DONO DO CIRCO

Está aqui, ao seu dispôr. (**Bate palmas. Entra a TRAPEZISTA com DUDU amarrado por**



uma corda no pescoço.) Eis Dudu, o mais extraordinário filhote de elefante que existe!

TRAPEZISTA

É seu. Pode levar.

(Betinho boquiaberto arrodeia o elefantinho, examinando tudo.)

BETINHO

Puxa! Que gozado que êle é! Posso pegar? Êle não morde?

TRAPEZISTA (sorrindo)

Não. Êle é muito bonzinho.

(Betinho toca Dudu de leve, depois se encoraja e passa a mão pela sua cabeça.)

BETINHO

Tem uma trombinha bem comprida. Mas o rabinho é curto.

TRAPEZISTA

Elefante é assim mesmo.

DONO DO CIRCO

Como é seu nome?

BETINHO

O meu? É Betinho. Quer dizer, Alberto de Souza.

DONO DO CIRCO (escrevendo num papel)

Alberto de Souza. É para o certificado de propriedade. O elefante Dudu passa a pertencer ao sr. Alberto de Souza (escrevendo), menor, residente à rua... Onde você mora?

BETINHO

Na rua Itaóca.

DONO DO CIRCO (escrevendo)

Rua Itaóca. Número?

BETINHO

27.



DONO DO CIRCO

Número 27. Pronto. Aquí está. Pode levar o seu Dudu, e muita felicidade para vocês dois.

BETINHO

Obrigado. Será que... Será que êle vai querer ir comigo?

TRAPEZISTA

Sem dúvida. Êle é muito amigo de todos. Até logo!

(Betinho aperta a mão do Dono do Circo e da Trapezista.)

BETINHO

Até logo. Obrigado.

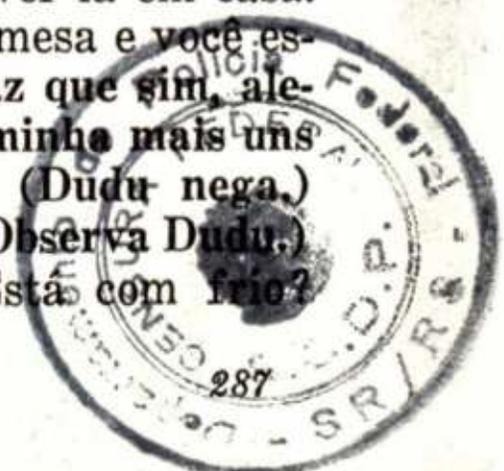
TRAPEZISTA

Felicidade, Betinho.

(A cêna se apaga, Betinho leva Dudu pela corda.)

BETINHO

Vem. Vem comigo. . Dudu! (Os dois se põem a caminhar.) Será que você sabe seu nome mesmo? (Dudu sacode a cabeça.) Engraçado! Êle sacudiu a cabecinha. Fez sinal que sim. É Dudu? (Novo aceno de Dudu.) Já sei que você ouve bem e sabe o nome. Mas vamos para casa, que já está tarde e é longe. Chegaremos atrasados para o jantar. Que será que você come, Dudu? Bife com batatinhas? (Dudu nega enèrgicamente.) Arroz com feijão? Sopa? (Negativas de Dudu.) Vamos ver lá em casa. A gente põe bastante coisa na mesa e você escolhe. Não é, Dudu? (Dudu faz que sim, alegremente.) Vamos, então. (Caminha mais uns passos.) Você está cansado? (Dudu nega.) Está com dôr nas perninhas? (Observa Dudu.) Quer dizer, nas pernonas? Está com frio?



(Dudu nega.) Devia estar, você anda na rua pelado dêsse jeito. Eu podia arranjar um calção p'ra você. Você quer? (Dudu fica em dúvida.) Não quer um calção? (Dudu não se define.) Eu mostro um p'ra você. Aqui perto tem uma loja de roupas. (Pára na porta da loja, larga a corda de Dudu.) Fique aí bonzinho, viu? Não vá fugir. (Dirige-se à Balconista.) Moça, a senhora vende calção aí?

BALCONISTA

Calção de banho?

BETINHO

Dêsse p'ra gente andar na rua.

BALCONISTA

Ah, "short". Temos de vários modelos. E várias côres. É para você mesmo?

BETINHO

É para um amiguinho meu.

BALCONISTA

Porque êle não veio?- Sabe o número dêle?

BETINHO

Não. O número eu não sei.

BALCONISTA

É do seu tamanho?

BETINHO

Não... êle é... é mais gordinho do que eu.

BALCONISTA

Assim não dá certo. É melhor êle vir aqui com você.

BETINHO

Êle está aí fora.

BALCONISTA

Ah, está? Faça entrar, então.

BETINHO

Será... será que êle pode entrar?



BALCONISTA

Como não, como não?

BETINHO.

Entre aqui, Dudu. (Dudu assoma à porta.)

BALCONISTA

O que... que... Oh! Um elefante? Esse bicho aí não é um elefante?

BETINHO

É, sim. Mas é muito bonzinho e educado.

BALCONISTA

Não quero bichos por aqui. Nem elefante, nem nada.

BETINHO

É só um filhote.

BALCONISTA

Nem filhote.

BETINHO

Mas a senhora disse que vendia um calção, quer dizer, um "short" p'ra éle!

BALCONISTA

P'ra elefante? Não disse nada disso. Eu disse que vendia para um amigo seu.

BETINHO

Mas éle é amigo meu!

BALCONISTA

Mas é elefante. E p'ra bicho nós não temos roupa nenhuma. Imaginem só! Com um corpanzil daquêle tamanho, umas cadeiras assim, que "short" havia de servir?

BETINHO

Nem mandando fazer?

BALCONISTA

Não aceitamos encomendas para animais. Só p'ra gente. Vamos, seu elefante, vá lá para fora.



BETINHO

Que pêna! (Afasta-se com Dudu, murcho.)

BALCONISTA

Só faltava essa! Um elefante experimentando roupa na minha loja!

BETINHO

Venha, Dudu. Estamos sem sorte. E você vai pelado mesmo p'ra casa. (Dirige-se para o ônibus. Ao Motorista.) Este ônibus vai para Vila Mariana?

MOTORISTA

Vai.

BETINHO

E passa perto da rua Itaóca?

MOTORISTA

Itaóca? Itaóca? Passa, sim.

BETINHO

Então vamos nêsse, Dudu. (Entra no ônibus.)

MOTORISTA

Que? . . . Que bicho é êsse aí?

BETINHO

É o Dudu.

MOTORISTA

Dudu? Mas não é um elefante?

BETINHO

Eléfante êle é, sim senhor.

MOTORISTA

Então não pode entrar.

BETINHO

-Eu pago a passagem dêle.

MOTORISTA

Nem pagando.

BETINHO

Porque?



MOTORISTA

É o regulamento.

BETINHO

O regulamento diz que não pode entrar elefante?

MOTORISTA

O regulamento diz que é proibido viajar com animais.

BETINHO

Mas não fala em elefante, fala?

MOTORISTA

Em elefante ,não. Fala em bichos, em animais.

BETINHO

Então o senhor podia deixar o Dudu entrar no ônibus. Ele é tão inteligente que parece gente.

MOTORISTA

Posso nada. Se o Inspetor enxergar um elefante no ônibus, me dá uma bronca e uma suspensão.

BETINHO

Só porque é animal?

MOTORISTA

É. Não adianta nada ser inteligente.

BETINHO

Mas aí tem um mosquito voando perto do seu nariz.

MOTORISTA (dando um tapa no próprio rosto)

E já me deu uma picada!

BETINHO

O mosquito está viajando no seu ônibus.

MOTORISTA

E que tem isso?



BETINHO

Mosquito também é animal.

MOTORISTA

Mosquito é mosquito, elefante é elefante.

BETINHO

A professôra disse que mosquito também é animal.

MOTORISTA

Olhe. Sua professôra pode dizer o que quiser. P'rá mim, mosquito entra, elefante não. Você é um garoto esperto, mas o seu elefante vai a pé mesmo! Até logo! (Som de ônibus arrancando.)

BETINHO

Temos de ir a pé, Dudu. Você está enjoado de andar? Não? Então vamos indo. (Caminham em direção à porta da casa de Betinho.) Entre aqui, Dudu. Devagarzinho, viu? Não vá fazer barulho. Será que você passa na porta? Ah, já passou, meio apertadinho, não é? Cuidado Dudu! Não pise nas coisas. Você é meio pesado, sabe? Espere um pouco, eu vou chamar a Cidinha. Sabe quem é a Cidinha? É a minha irmã. Ela é mais velha do que eu. Quer conhecer a Cidinha? Ela vai ser boazinha p'rá você, eu sei. Vamos ver se ela adivinha quem está aqui. (Chamando alto.) Cidinha! Cidiiiiinha!

VOZ DE CIDINHA

Que é?

BETINHO

Venha cá.

VOZ DE CIDINHA

Que é que você quer?



BETINHO

Eu ganhei um presente. Venha ver.

VOZ DE CIDINHA

Vou indo.

BETINHO

Esconda aqui, Dudu. Vamos ver se ela adivinha. Psiu! Quietinho!

(Dudu se esconde, entra Cidinha.)

CIDINHA

Que foi que você ganhou?

BETINHO

Adivinhe.

CIDINHA

Não sei. É grande? Pequeno? É coisa de comer?

BETINHO

É grande. Não é de comer, não.

CIDINHA

Uma bola? Um joguinho de armar?

BETINHO

Espere um pouco. Feche os olhos, você vai adivinhar.

CIDINHA (fechando os olhos)

Está bem.

BETINHO

Estenda as mãos. (Cidinha estende as mãos abertas, Betinho faz sinal a Dudu. Este se aproxima. Betinho pega-lhe a ponta da tromba e põe nas mãos de Cidinha.) Pegue pra você vê. Não pode abrir os olhos. Tem de adivinhar.

CIDINHA

Isto aqui? Que será? (Apalpa a tromba de Dudu.) Parece uma corda. Ou uma salsicha.



BETINHO (rindo)

Não é corda e nem salsicha.

CIDINHA

Mas está se mexendo!

BETINHO

Claro. É uma coisa viva.

CIDINHA

Uma cobra! (Abre os olhos, dá um grito, larga Dudu e pula de lado.)

BETINHO

É o Dudu.

CIDINHA

Um elefantinho!

BETINHO

É, sim. É um elefantinho.

CIDINHA

Que susto que eu levei! De quem é êsse elefantinho?

BETINHO

É meu.

CIDINHA

Seu? Quem foi que te deu?

BETINHO

Ganhei no sorteio do circo. Veja o meu cartão.

CIDINHA (lendo o papel)

É mesmo! Dudu! O nome é bonitinho. Êle também é. Mas o que é que você vai fazer com êle?

BETINHO

Ainda não sei. Preciso dar comida para êle, que êle deve estar com fome.

CIDINHA

Nós já jantamos. Você demorou muito. (Examina Dudu, passa-lhe a mão pelo dorso.) Êle é bonzinho, não é?



BETINHO

Se é. Já ficou meu amigo.

CIDINHA

Será que êle também fica meu amigo?

BETINHO

Claro. Quer vêr? Dudu, você fica amigo dela?
(Dudu acena que sim.)

CIDINHA

Que gracinha! Já sabe responder.

BETINHO

Você quer ficar morando conosco? (Novo aceno de Dudu.)

CIDINHA

E até entende tudo o que nós falamos. Que amor! (Abraça e beija Dudu na testa. Dudu não cabe em si de alegria.) E agora, que será que vamos dar pra êle comer?

BETINHO

Não sei. O que é que tem aí? Já sei que êle não gosta de feijão com arroz e nem de bife.

CIDINHA

Tem as coisas da despensa. Será que êle come pé de alface?

BETINHO

Você come alface, Dudu? (Dudu acena que sim.) Então vou buscar. (Sai correndo.)

CIDINHA

È agora? Onde vamos pôr você p'ra passar o dia, p'ra dormir e tudo? Não tem cama que sirva para você. Você é muito gordo, Dudu. (Betinho volta com um pé de alface, os dois põem-se a destacar as fôlhas e dar a Dudu, que vai comendo gulosamente. Em certo momento entram o Pai e a Mãe, os meninos empurram Dudu para fora de cena.)



PAI

O que é que vocês estão fazendo aí?

MÃE

Estão com um jeito muito assustado.

CIDINHA

Nós? Nada.

BETINHO

Nada.

PAI

Que foi?

MÃE

P'ra que êsse pé de alface aí?

CIDINHA

Alface?

PAI

É. Isso que está na sua mão. Não é alface?

CIDINHA

É... é alface, sim.

MÃE

P'ra que isso?

CIDINHA

É que... nós estamos comendo alface. (Cotuca Betinho, os dois começam a mastigar as folhas.)

MÃE

Comendo alface sem tempero e até sem lavar!

PAI

Que fome é essa?

MÃE

Naturalmente porque Betinho não jantou ainda.

PAI

Mas Cidinha já jantou.

MÃE

E comeu bem.



PAI

Então que estória é essa?

CIDINHA

É... é... (Ouve-se um grande estrondo.)

PAI

Que foi isso?

MÃE

Alguma coisa quebrou.

PAI

E foi na sala de visitas. (Vai arremeter-se, Betinho o detem.)

BETINHO

Deixe, que eu vejo p'ra você papai. (Sai.)

MÃE

Alguma travessura vocês estão fazendo. Nunca vi ninguém comer alface depois da sobre-mesa.

CIDINHA

Ninguém?... Bem, nós gostamos...

MÃE

Vocês não são coelhinhos, são?

PAI

Estão brincando de coelhos?

BETINHO (voltando)

Foi... não foi nada, não. Foi a cadeira que caiu no chão.

PAI

Caiu? Sòzinha?

BETINHO

Decerto foi o vento.

MÃE

Não está ventando.

BETINHO (puxando Cidinha de lado)

O Dudu sentou no sofá. Estourou tudo.



CIDINHA

Chiii! E agora?

BETINHO

Agora? Não sei.

CIDINHA

Temos de contar tudo.

(Os dois meninos se entreolham, resolvem enfrentar o problema, afastam-se cada um para um lado e Dudu surge entre êles.)

PAI e MÃE

Um elefante!!!

(Apaga-se a luz, reacende-se para cena de mímica, em que o Pai e a Mãe perseguem e enxotam Dudu de todos os lugares, enquanto Betinho e Cidinha tentam protegê-lo. A seguir, Bonifácio, completamente molhado, bate na porta com força, insistentemente.)

BONIFÁCIO

Têm de me explicar que negócio é êsse. Assim não vai ficar, não. É o cúmulo! (Torna a bater com força.) E ninguém atende a essa porta? Não tem ninguém em casa? (Bate mais.)

PAI (abrindo a porta)

Que deseja? (Repara melhor.) Oh!

BONIFÁCIO

Eu sou o vizinho do lado.

PAI

Sim. Seu Bonifácio. Eu já tinha reconhecido.

BONIFÁCIO

Ainda bem. Como o sr. está vendo, estou todo molhado.

PAI

É... Estou vendo.



BONIFÁCIO

Não estou apenas molhado. Estou ensopado.
Como um pinto.

PAI

Acredito. Foi a chuva?

BONIFÁCIO

Não chove há três dias.

PAI

Já sei. Entrou no chuveiro... e esqueceu de
tirar a roupa!

BONIFÁCIO

Nada disso. Foi o seu elefante.

PAI

Meu elefante?

BONIFÁCIO

É.

PAI

Mas que... que... como foi isso?

BONIFÁCIO

Eu estava regando a minha horta. O seu ele-
fante...

PAI

Do meu filho.

BONIFÁCIO

Seu, do seu filho, dá no mesmo. Ele encheu a
tromba no tanque. Deu um esquicho que pare-
cia uma cachoeira. Uma inundação! E virado
p'ro meu lado.

PAI

Será possível?

BONIFÁCIO

Foi. Um jato que arrancou todos os meus pés
de couve. Uma verdadeira tromba d'água!

PAI

Sendo de elefante, tinha de ser tromba.



BONIFÁCIO

Não é hora de piadas.

PAI

Não é piada. Juro! Estou desolado.

BONIFÁCIO

O senhor está desolado, e eu molhado. Até os ossos!

PAI

Sinto muito.

BONIFÁCIO

Qual é a providência que o sr. vai tomar?

PAI

Bem... a primeira coisa é pedir-lhe que troque de roupa.

BONIFÁCIO

Eu troco de roupa se quiser. Isso é comigo. Mas e o seu elefante?

PAI

Eu... eu .. posso garantir-lhe que isso não vai acontecer mais.

BONIFÁCIO

O senhor garante?

PAI

Darei um jeito na situação.

BONIFÁCIO

Aguardo o seu jeito.

PAI

O Dudu não espirrará mais água em ninguém. Pode crer.

BONIFÁCIO

Assim espero.

PAI

Fique tranqüilo.



BONIFÁCIO

Ficar tranqüilo! Com um elefante espiando por cima do muro! Passe bem, vizinho.

PAI

Passe bem. Desculpe!

BONIFÁCIO (saindo resmungando)

Só nesta terra, mesmo! Não se pode nem regar a horta sossegado! Ê o fim!

PAI (chamando para dentro)

Betinho! O' Betinho!

BETINHO (aparecendo contrafeito)

Estou aqui, papai.

PAI

Você viu o vizinho do lado? Estava todo molhado.

BETINHO

Eu vi.

PAI

E quem fez a brincadeira?

BETINHO

Não foi brincadeira, não!

PAI

Então foi para provocar briga, mesmo?

BETINHO

Não, papai. O homem estava regando a horta. O Dudu quis ajudar.

PAI

E alguém pediu ajuda?

BETINHO

Êle só encheu a trombinha d'água e jogou um pouco p'rá lá.

PAI

Um pouco, não é?

BETINHO

Êle não tem prática. Acho que errou a pontaria e acertou no homem...



PAI

... e arrazou a horta dêle, também.

BETINHO

Não foi por mal, papai. Acredite! Não foi, Dudu? (Dudu se aproxima, faz que sim, desenhado.)

PAI

Por bem ou por mal, Dudu não pode ficar livre pela casa. Terá de ficar prêso no quintal.

(Surge D. Angélica, a velhota vizinha do outro lado. Bate à porta com força. O Pai espia de longe.)

PAI

É a nossa vizinha do lado.

BETINHO

Chiii! A D. Angélica! (Olha para Dudu.) Vamos, Dudu. Vem mais bronca pôr aí. (Saem os dois. O Pai vai até a porta.)

PAI

Bôa tarde, D. Angélica.

ANGÉLICA (com tesoura de poda e algumas rosas na mão)

Bôa tarde.

PAI

Deseja alguma coisa?

ANGÉLICA (furiosa)

A coisa que eu mais desejo é que o seu elefante desapareça dêste bairro!

PAI

Como?

ANGÉLICA

Aquele monstrinho horróroso que chamam Dudu.

PAI

Que foi que êle fez?



ANGÉLICA

Não reparou no meu jardim ainda?

PAI

Oh, sim! Está muito bonito.

ANGÉLICA

Estava.

PAI

Não está mais?

ANGÉLICA

Não, devido ao seu mimoso elefantinho.

PAI

Mas... eu não sei de nada, D. Angélica.

ANGÉLICA

Não? O seu Dudu resolveu observar o que eu fazia no jardim.

PAI

E então?

ANGÉLICA

Eu estava arrancando mato e colhendo rosas.

PAI

E o Dudu se interessou?

ANGÉLICA

Interessou-se até demais!

PAI

Não sabia que êle queria aprender jardinagem.

ANGÉLICA

Pois queria. Resolveu praticar no meu jardim.

PAI

E praticou mesmo?

ANGÉLICA

Sem dúvida. Esticou aquela tromba medonha, e arrancou tôdas as roseiras!

PAI

Não!



ANGÉLICA

Como eu lhe digo! Se não acredita, vá ver!

PAI

Eu... eu não sei o que dizer, D. Angélica.

ANGÉLICA

E adiantaria dizer alguma coisa? O meu jardim está uma ruína. Todo esburacado!

PAI

Que pena!

ANGÉLICA

Que pena digo eu.

PAI

Não encontro palavras... eu não sei...

ANGÉLICA

O que é que o senhor vai fazer a respeito?

PAI

Plantar de novo as suas roseiras...

ANGÉLICA

Para seu governo, o Dudu comeu as roseiras tôdas.

PAI

Com espinho e tudo?

ANGÉLICA

Com espinho, fôlhas e rosas também.

PAI

Que horror!

ANGÉLICA

E então?

PAI

Bem... então vamos comprar outras roseiras...

ANGÉLICA

Eram de qualidade... e muito caras.



PAI

Dá-se um jeito... é preciso... não há remé-
dio! (Gritando para dentro.) Betinho! Dudu!

ANGÉLICA

Não chame aquê! elefante! Não quero nem
vêr êsse bicho na minha frente!

(Passa de novo o vizinho do lado, já de roupa
sêca. Betinho e Dudu se aproximam, ficando
escondidos.)

BONIFÁCIO

Bôa tarde, D. Angélica.

ANGÉLICA

Bôa tarde.

PAI

Como vai, Seu Bonifácio? Já trocou de roupa?

BONIFÁCIO

Já. E espero que o seu elefantinho não pense
agora que eu sou um pé de couve.

PAI

Também espero...

BONIFÁCIO

Soube do que aconteceu ao seu jardim, D. An-
gélica.

ANGÉLICA

E eu soube do estrago na sua horta. E do seu
banho.

BONIFÁCIO

Por causa daquele trombudo.

ANGÉLICA

Que faremos, então?

PAI

Bem, meus caros vizinhos, já prometi tomar
providências.

BONIFÁCIO

E quais são elas?



ANGÉLICA

Vai mandar o destruidor embora?

PAI

Vou. E até arranjar lugar para êle, vou prendê-lo no quintal.

ANGÉLICA

Fará muito bem.

BONIFÁCIO (sacudindo a cabeça)

Hã, hã. Não serve.

PAI

Como?

BONIFÁCIO

Sabe o que é isto aqui? (Mostra um papel.)

PAI

Não. Que é?

BONIFÁCIO

Uma intimação da Prefeitura. Por causa do aterro no fundo.

ANGÉLICA

Oh! O nosso quintal! Também recebi isso.

PAI (batendo na testa)

Intimação para consertar o aterro! Também veio para mim.

BONIFÁCIO

O aterro está cedendo. Os vizinhos do fundo estão com medo.

PAI

Sim. Devemos consertá-lo.

BONIFÁCIO

Já imaginou se o senhor puser o seu elefante no quintal?

ANGÉLICA

Deus do céu! O aterro desaba!

PAI

Não havia pensado nisso!



BONIFÁCIO

Os vizinhos do fundo já estão dizendo que o aterro cedeu porque o elefante vai muito no quintal.

PAI

O Dudu é pequeno ainda! Não pesa muito, não.

BONIFÁCIO

Mas vai crescer, e aí é que o aterro cai mesmo.

ANGÉLICA

E afunda todo o nosso quintal.

BONIFÁCIO (ao Pai, com o dedo em riste)

E todos os vizinhos do fundo moverão um processo contra o senhor.

PAI (nervoso)

Sim, sim. Eu sei. Imagino como vai ser. Meus caros vizinhos! Tenham paciência por uns dias. Vou dar um jeito no Dudu.

BONIFÁCIO

É o que eu aconselho.

ANGÉLICA

O que nós aconselhamos.

BONIFÁCIO

Para o bem da minha horta.

ANGÉLICA

Para o bem do meu jardim.

BONIFÁCIO

E do nosso quintal.

ANGÉLICA

De todos nós.

BONIFÁCIO

Passe bem, prezado vizinho. Até logo!

ANGÉLICA

Até logo, seu Bonifácio. (Saem cada um para um lado, ficando o Pai só.)



PAI (entra e fica andando de um lado para outro, nervosamente)

E agora, como é que vai ser? Em má hora êsse elefante veio parar aqui. (Betinho e Dudu vão saindo pé ante pé, tentando passar despercebidos.) Betinho! Não vá fugindo por aí agora!

BETINHO

Que é, papai?

PAI

Não sabe do último desastre dêsse elefante seu?

BETINHO

Não sei de nada, papai.

PAI

Não ouviu o que a D. Angêlica disse?

BETINHO

Disse do que, papai?

PAI

Do jardim. E da jardinagem do Dudu.

BETINHO

Ah, papai! O Dudu tava só querendo ajudar.

PAI

E ajudou muito, pelo visto.

BETINHO

A intenção dêle era boa.

PAI

Tão boa que arrancou as roseiras tôdas.

BETINHO

Êle não sabe direito ainda, papai. Foi só a primeira vez.

PAI

Pois já na primeira vez liquidou o jardim todo.



BETINHO

Dudu não faz por mal. Ele é novinho ainda. Não é, Dudu? (Dudu confirma, melancolicamente.) Você não disse que as crianças fazem muita coisa tem ter culpa?

PAI

Elefante não é criança.

BETINHO

Dudu precisa aprender as coisas, papai. Eu estou ensinando tudo p'rá ele.

PAI

Já chega de perder tempo com êsse elefante. E por falar em perder tempo, você já fez as lições hoje?

BETINHO

Ainda não.

PAI

Está vendo? Por causa do Dudu. É o que eu digo.

BETINHO

Dudu me ajuda nas lições, papai. Até já decorou a taboada.

PAI

Não quero mais ouvir essas coisas. Chega de paguear o elefante. Vá estudar, ande.

BETINHO

Hoje é sábado, papai. É dia de matineé.

PAI

Pois faça a lição, primeiro. Você só irá a matineé se fizer a lição.

BETINHO

Está bem, papai.



PAI

E deixe o Dudu de lado. (Sai.)

(Dudu está de tromba caída, murcho. Betinho se aproxima, carinhoso e triste, e afaga Dudu.)

BETINHO

Coitado do meu elefantinho! Ninguém quer você, não é? Será que você ainda não aprendeu a lidar com gente grande? Não, acho que não é isso. Os grandes é que precisam aprender a lidar com você. Eles não sabem. Só as crianças entendem um elefantinho. Coitados dos grandes, não é Dudu? Nós sabemos brincar de tanta coisa, eles não sabem brincar de nada. E quando nós brincamos, eles ficam logo zangados.

CIDINHA (entrando apressada, com livros sob o braço)

Betinho! Você viu o jardim da casa do lado como ficou?

BETINHO

Vi.

CIDINHA

Como foi isso? Será que... Não! (Aponta Dudu.)

BETINHO

Sim. Foi. O Dudu mesmo.

CIDINHA (sentando-se)

Nossa! A d. Angélica deve ter ficado uma fera!

BETINHO

Se ficou! O Dudu comeu as roseiras todas!

CIDINHA

Que?! O Dudu... Como é?



BETINHO

Comeu tudo! (Dudu confirma, meio ressa-
biado.)

CIDINHA (rindo às gargalhadas)

Imaginem só! Dudu comendo rosas!

BETINHO

E roseiras também.

CIDINHA (rindo cada vez mais)

E sem tirar os espinhos?

BETINHO

Com espinho, fôlha e tudo!

CIDINHA (sem poder parar de rir)

E rosas .. amarelas... brancas...

BETINHO

...vermelhas, tudo junto!

CIDINHA

Que gozado!

BETINHO (rindo também, contagiado)

D. Angélica corria atrás do Dudu... batia
com a pá nêle... mas êle nem ligava... comia
uma roseira atrás da outra!

CIDINHA

Que pêna, que eu não estava aqui para vêr!
(Betinho e Cidinha continuam rindo estrepiti-
tosamente, Dudu põe-se a dar pulinhos ale-
gres, participando da hilaridade geral. No
auge do barulho, o Pai e a Mãe assomam à
porta.)

PAI

Sim, senhores! Alegria geral na casa!
(Cidinha e Betinho param de rir e se imobili-
zam, enquanto Dudu se encolhe num canto.)

MÃE

Depois de tudo que aconteceu, vocês ainda
têm coragem de rir tanto?



PAI

E as lições, Betinho? Não começou as lições ainda? Está na hora, já sabe. Senão, não tem cinema. (Sai com a Mãe.)

BETINHO

Acho que...

CIDINHA

... que está na hora de você estudar.

BETINHO

O papai pensa que eu não gosto de estudar. Gosto, sim. A gente até que se diverte, não é, Dudu? (Afirmação de Dudu.)

CIDINHA

Estudar não é castigo.

BETINHO

Castigo? O Dudu é que devia tomar castigo. Estragou a horta e o jardim dos vizinhos.

CIDINHA

Que vamos fazer com ele?

BETINHO

Acho que castigo não adianta. Dudu promete não fazer mais, e pronto.

CIDINHA

Você promete, Dudu? (Dudu faz que sim.)
Jura? (Nova afirmação de Dudu.)

BETINHO

Se a gente fosse castigar o Dudu, como ia fazer?

CIDINHA

Dava umas palmadas nêle.

BETINHO

E adianta?

CIDINHA

P'ra nós, não adianta. P'ra ele, eu não sei. Vamos vêr. Vire aí, Dudu. (Dudu vira de costas.)



Cidinha dá palmadas nêle.) Doeu? (Dudu nega, Cidinha bate mais forte.) E agora? (Nova negativa.)

BETINHO

Não sentiu nada.

CIDINHA

Desisto. Senão vai inchar minha mão.

BETINHO

O couro dêle é muito grosso.

CIDINHA

Então damos um coque na cabeça. (Bate com os nós dos dedos na cabeça de Dudu.) Mas que osso mais duro! Até doeu meu dedo.

BETINHO

Quem sabe um puxão de orelhas?

CIDINHA (pegando a orelha de Dudu)

A orelha é muito grande. Não dá.

BETINHO

E puxando a tromba? Ou então o rabo?

(Cidinha se esforça por puxar a tromba de Dudu, e depois o rabo, mas êle não se abala.)

CIDINHA

Você não sente nada, Dudu? (Dudu nega.)

BETINHO

E então?

CIDINHA

Então vai ficar uma semana sem dôce e chocolate.

BETINHO

Êle não come dôce nem chocolate!

CIDINHA

Então não sei. Ah, pode ficar sem ir ao cinema!

BETINHO

Que bobagem!



CIDINHA

Ou de pé lá no canto.

BETINHO

Isso êle fica o dia inteiro, se quiser. É capaz até de dormir em pé.

CIDINHA

Então não sei, mesmo. Dudu, como é que a gente castiga você? (Dudu abre os braços, em desalento.)

BETINHO

O melhor é desistir. A gente só dá uma bronca nêle e aí êle promete que não faz mais. Não é? (Dudu aprova.) E depois a gente faz êle virar cabra-cega.

CIDINHA

Isso! Isso! (Pega um lenço, venda Dudu, dá-lhe duas ou três voltas sôbre si mesmo.) Pronto!

BETINHO

Vamos, Dudu. Agora você procura a gente. (Dudu sai tateando, os dois correm de um lado para outro puxando-lhe o rabo e gritando.) Dudu! Dudu!

CIDINHA

Uúú! Dudu!

(Cidinha e Betinho continuam correndo em torno de Dudu. Êste se volta de repente, bate numa cadeira, que cai. Betinho e Cidinha saem correndo para se esconder. O Pai aparece à porta, Dudu o agarra, dando pulinhos de satisfação. O Pai retira a venda de Dudu, que se assusta e também sai correndo. Alteração na cêna, com Betinho sentado num degrau à porta da escola, desanimado, a cabeça apoiada na mão. Passa a Professôra.)



PROFESSORA

Como vai, Betinho?

BETINHO

Bom dia, professora. (A Professora pára, volta alguns passos.)

PROFESSORA

Que foi? Está desanimado?

BETINHO

Nada, professora.

PROFESSORA

Que houve com você? Está com cara tão triste!

BETINHO

Não houve nada.

PROFESSORA

Alguma coisa houve. Nenhum menino na sua idade fica triste assim atôa. Hein? Que foi? Não quer contar para a sua professora? Quem sabe eu posso dar um jeito na situação?

BETINHO

A senhora não pode fazer nada.

PROFESSORA

Talvez possa. Sabendo o que é, posso te ajudar. Pelo menos posso tentar. Não é verdade?

BETINHO

Acho que é.

PROFESSORA

Então quer contar p'rá mim?

BETINHO

É o meu elefante.

PROFESSORA

Já ouvi dizer que você ganhou um elefante.

BETINHO

É um filhote, chamado Dudu.



PROFESSORA

Dudu! É um nome interessante. Mas que foi que aconteceu com êle?

BETINHO

Não aconteceu nada.

PROFESSORA

Então porque é que você está triste?

BETINHO

Porque ninguém quer saber dêle.

PROFESSORA

Você acha?

BETINHO

Não deixam êle entrar em lugar nenhum. Implicam com êle.

PROFESSORA

Bem, um elefante é sempre um elefante. Mas quem é que implica com êle?

BETINHO

Todos no meu bairro. Os vizinhos reclamam, papai e mamãe não gostam dêle.

PROFESSORA

Porque os vizinhos reclamam?

BETINHO

Êle estraga as coisas. Êle é como criança.

PROFESSORA

Então é questão dêle crescer um pouco. E aprender a comportar-se.

BETINHO

Isso êle aprende, professora. Êle é muito inteligente. Mas o papai diz que se êle crescer um pouco mais, nem cabe no quintal.

PROFESSORA

De fato, os elefantes precisam de lugar especial. São muito grandes. Os cavalos, os bois, as girafas também. Não são como os gatos.



que moram em qualquer lugar, até nos telhados. E também não são como os tigres, que têm que ficar sempre fechados nas jaulas.

BETINHO

A senhora acha que o Dudu poderá melhorar?

PROFESSÔRA

Acho.

BETINHO

E os grandes poderão gostar dêle?

PROFESSÔRA

Claro que poderão.

BETINHO

Oba! Legal!

PROFESSÔRA

Basta êle aprender mais coisas, ficar mais velho e ajuizado.

BETINHO

Eu estou ensinando tudo que posso p'rá êle.

PROFESSÔRA

Porque êle não vem até aqui à escola, p'rá gente conhecer?

BETINHO

Como é, professôra?

PROFESSÔRA

Êle pode vir até aqui. Assim já vamos acostumando com êle.

BETINHO

E êle pode assistir as aulas?

PROFESSÔRA

Claro que sim. Não poderá ficar na sala de aula. É muito grande, e nem cabe nas carteiras. Mas a sala tem uma janela grande, que dá para o jardim. Êle poderá ficar espiando, e assim vai aprendendo.



BETINHO

Oba! Oba! Vai ser gozado p'rá xuxu. Sabe?
O Dudu vai ficar pulando de alegria.

PROFESSÔRA

Nós também ficaremos alegres.

BETINHO

Posso ir correndo buscar êle?

PROFESSÔRA

Pode.

(Betinho vai sair correndo, volta rapidamente, beija a Professôra.)

BETINHO

Obrigado, professôra. A senhora é o máximo!
(Sai correndo. A professôra entra. Ouve-se côro de vozes infantis cantando um hino escolar. Ao fim de alguns minutos rompem gritos de entusiasmo e alegria.)

VOZES

Dudu! Dudu! Viva Dudu! Viva o elefantinho!
Viva! Vamos, minha gente, um pique-pique p'ra o Dudu! Vamos lá!

(Mudança de cena. Em casa, Betinho está sentado, fazendo lição com Dudu ao lado do quadro negro. Cidinha na cadeira vizinha.)

BETINHO

Chí! Isto está difícil (Continua escrevendo.)

CIDINHA

Que foi?

BETINHO

Um problema: a mãe deu 170 cruzeiros para os 4 filhos ^{comerem} chuparem laranjas. Eles ^{comerem} chuparam 2 laranjas e meia cada um, e ^{comerem} sobraram dez cruzeiros.

CIDINHA

Sim. E depois?



BETINHO (lendo)

Pergunta-se qual o preço de cada laranja.

CIDINHA

Vá fazendo as contas.

BETINHO

Isso é que eu não sei.

CIDINHA

Vá tentando, tá? Você é que está aprendendo, não eu.

BETINHO

Você já fez êsse problema.

CIDINHA

Já, mas não me lembro.

BETINHO

Pensando um pouco você lembra.

CIDINHA

Agora estou ocupada com o mapa do Brasil.

BETINHO

Acabe logo êsse mapa e me ajude, vá.

CIDINHA

Então espere um pouco.

BETINHO

Você não me ajuda, Dudu? Não? Quer que eu leia o problema de novo? (Dudu faz que sim.) Então fica ouvindo: A mãe deu 170 cruzeiros para os quatro filhos chuparem laranjas. Eles chuparam 2 laranjas e meia cada um, e sobram 10 cruzeiros. Qual o preço de cada laranja? Hein? O que você acha? (Dudu encolhe os ombros.) Quer escrever na pedra? Pegue o giz. Sabe, Cidinha, o Dudu só pega o giz com a pata. Com a tromba diz que faz muita cócega.



CIDINHA

Então pegue com a pata mesmo. (Continua trabalhando.)

BETINHO

Segure firme, Dudu. Não vá quebrar o giz todo. E faça o favor de não comer isso. É só p'rá escrever. (Dudu prova o giz e faz trejeitos de desagrado.)

CIDINHA

Não gostou. Então não tem perigo.

BETINHO

Vamos lá, então.

CIDINHA

Você sabe onde fica Macaé?

BETINHO

Nunca ouvi falar.

CIDINHA

Você sabe, Dudu? (Dudu faz que sim.)

BETINHO

Ele sabe!

CIDINHA

Então onde fica? (Dudu corre junto de Cidinha e aponta no mapa.) Ele sabe mesmo! É no Estado do Rio. Como é que você sabe? (Dudu faz gestos descritivos.) Como é? Não entendo.

BETINHO

Eu entendo.

CIDINHA

Só você entende essa linguagem de mudo do Dudu. Eu não entendo nada.

BETINHO

Ele está dizendo que já esteve lá com o Circo.

CIDINHA

Que gozado!

BETINHO

Ele sabe geografia, tá vendo?



CIDINHA

Viajar instrue a gente. (Continua trabalhando.)

BETINHO

Vamos, Dudu, e o problema? Qual é o preço da laranja?

CIDINHA

O que é que êle está dizendo agora?

BETINHO

Êle está dizendo que o preço é muito caro.

CIDINHA

E o que é que êle entende de dinheiro?

BETINHO

Êle entende de laranja.

CIDINHA

Mas não entende de dinheiro.

BETINHO

Você não sabe, mas o Dudu conhece dinheiro, sim. Todas as notas de cruzeiro.

CIDINHA

O problema não pergunta se é caro ou barato. Quer saber quanto custa cada laranja.

BETINHO

Vamos, Dudu! Escreva: São 4 filhos. (Dudu escreve o algarismo 4 na lousa.) Isso!

CIDINHA

E agora são 2 laranjas e meia p'rá cada filho.

BETINHO

Como é, Dudu? (Dudu faz uma descrição.)

CIDINHA

E agora, que foi que êle disse?

BETINHO

Disse que é pouca laranja p'ra cada um.

CIDINHA

Isso não tem nada com o problema.



BETINHO

Dudu, faça o favor de prestar atenção.

CIDINHA

Não interessa se é caro ou barato, se é pouca laranja ou não. Intessa o preço.

BETINHO

Vamos, Dudu! Escreva. Duas laranjas e meia.
(Dudu escreve dois círculos.)

CIDINHA

Que é isso aí? Dois zeros?

BETINHO

Que bolinha é essa aí? É uma laranja! Ele escreveu duas rodinhas que são duas laranjas. Dudu, são 2 laranjas e meia.

CIDINHA

E agora?

BETINHO

Está dizendo que não sabe fazer meia laranja.

CIDINHA

Vamos, Dudu. Não é a figurinha, é o número que nós queremos. (Vai à pedra e escreve 2 e meio. Volta a sentar-se.) Assim.

BETINHO

Então, Dudu? (Dudu faz novas mímicas.) Ele diz que assim é muito difícil. Que assim não sabe.

CIDINHA

Então o melhor é fazer com laranjas mesmo. Laranjas de verdade.

BETINHO

Não tem laranja aqui em casa. Acabou no almoço.

CIDINHA

Mas tem banana. A gente faz com banana. É a mesma coisa. (Dudu faz gestos enérgicos.)



BETINHO

Ele está dizendo que banana é banana, e laranja é laranja.

CIDINHA

Mas na conta é tudo a mesma coisa. Tanto faz banana como laranja. (Nova intervenção de Dudu.)

BETINHO

Ele diz que laranja é mais gostosa. (Novos gestos de Dudu.)

CIDINHA

Está dizendo mais coisas.

BETINHO

Está dizendo que se tiver laranja e banana juntas é melhor ainda.

CIDINHA

Dudu, você é incorrigível. Betinho, pega as bananas lá na mesa. (Betinho corre e traz uma penca de bananas.)

BETINHO

A meia banana nós cortamos com o meu canivete.

CIDINHA

Então temos aqui duas bananas e uma metade para um dos filhos. (Põe de lado duas bananas e meia. Dudu faz gestos.)

BETINHO

Ele está perguntando se pode comer a outra metade da banana. Pode?

CIDINHA

Não. Vai atrapalhar a conta.

BETINHO

Depois você come o que sobrar, Dudu. Tenha um pouco de paciência.



CIDINHA

Mais duas e meia bananas, mais duas e meia e mais duas e meia. Quanto dá? Pense bem, Dudu. (Dudu pega o giz, vai à pedra, faz cálculos nos dedos, escreve o número 10. Betinho e Cidinha batem palmas, Dudu fica orgulhoso.) Acertou!

BETINHO

Muito bem! Dez bananas!

CIDINHA

Se sobraram dez cruzeirós, e eram 170, quanto foi que eles gastaram? (Dudu conta nos dedos de novo, e escreve 160.)

BETINHO

Muito bem, Dudu!

CIDINHA

Dudu, o grande matemático! Formidável! (Palmas dos dois.)

BETINHO

Bacana! (Dudu faz novos gestos.) Agora êle pergunta se já pode comer as bananas.

CIDINHA

Espere um pouco. Falta saber o preço de cada uma.

BETINHO

Então, Dudu?

CIDINHA

160 divididos por 10. Como é, Dudu?

BETINHO

Tirando um zero, fica dez vezes menos. (Dudu apaga o zero na louza.) Dezesseis cruzeiros! Viva!

CIDINHA

Acertou! (Palmas.)



BETINHO

Dezesseis cruzeiros cada banana. (Dudu faz gestos enérgicos.) Que foi? Ah, é? Você tem razão.

CIDINHA

Que foi que êle disse?

BETINHO

Que não são 16 cruzeiros cada banana.

CIDINHA

Quanto é então?

BETINHO

São 16 cruzeiros cada laranja.

CIDINHA

É mesmo! Já tinha esquecido.

BETINHO

Êle disse agora que banana é mais barato.

CIDINHA

Pois agora pode comer as bananas. (Dudu começa a comer as bananas.)

BETINHO

Minha lição está pronta, já posso ir ao cinema. E vou levar o Dudu.

CIDINHA

O meu mapa também está pronto. Tenho um aniversário hoje, de uma coleguinha.

(Os três vão saindo. Dudu volta correndo, pega o giz e desenha uma careta na louza.)

(Mudança de cêna. Betinho e Dudu chegam à bilheteria do cinema carregando algumas roupas, que põem numa cadeira.)

BETINHO (à Bilheteira)

A senhora podia vender meia entrada para mim?

BILHETEIRA

Pois não. Trouxe a carteirinha?



BETINHO

Trouxe. Está aqui.

BILHETEIRA

Tome lá.

BETINHO

E também meia entrada para o meu elefantinho?

BILHETEIRA

Êsse bicho que está ai?

BETINHO

É. Mas êle não tem carteirinha.

BILHETEIRA

E você acha que eu vou vender entrada para um elefante?

BETINHO

Êle promete ficar bem comportado.

BILHETEIRA

Não é questão de comportamento. É questão de regulamento.

BETINHO

O regulamento não deixa?

BILHETEIRA

Não. Bicho de espécie alguma.

BETINHO

Mas domingo passado, na matinée, soltaram um ratinho no meio da sala. As meninas até gritaram.

BILHETEIRA

Eu sei. Foi molecagem de algum garoto.

BETINHO

Não fui eu.

BILHETEIRA

Eu não disse que foi você.

BETINHO

Então posso entrar com o Dudu?



BILHETEIRA

Não. Com o elefante, não. Entre você sozinho.

BETINHO

Mas se um ratinho entrou, o Dudu também pode entrar.

BILHETEIRA

O ratinho entrou porque levaram escondido.

BETINHO

Eu levo o Dudu escondido!

BILHETEIRA

Dêse tamanho? Essa é boa! Escondido onde?

BETINHO

Eu dou um jeito.

BILHETEIRA

Nem escondido, nem sem esconder. Se êle entrasse, nem caberia na poltrona.

BETINHO

O Dudu pode ficar em pé.

BILHETEIRA

De jeito nenhum. Você entra e o elefante volta p'rá casa.

BETINHO

Êle não sabe voltar sozinho!

BILHETEIRA

Então espera aí na calçada.

(Betinho se retira com Dudu. Ambos estão cabisbaixos. Betinho reage contra o desânimo.)

BETINHO

Sabe, Dudu, eu já tinha pensado em outro jeito. Vamos tentar. (Dudu aprova.) Vá enfiando êste capote, que eu vou comprar uma entrada. (Corre à bilheteria.) Moça, eu vou entrar com meu tio. Me dê uma entrada, faz favor.



BILHETEIRA

Com seu tio?

BETINHO

É.

BILHETEIRA

E onde está êle?

BETINHO

Já chega daqui a pouco.

BILHETEIRA

Está bem. Tome. Olhe o trôco.

BETINHO

Obrigado. (Corre para junto de Dudu, que conseguiu afinal enfiar o casacão.) Ponha esta gravata. Assim. Um laço mais ou menos. Agora os óculos. Enfie êste chapéu. Chi, não serve! Mas fica assim mesmo. Lá no cocoruto da cabeça. E pegue agora a bengala. Faça uma cara bem séria. Está bom assim. Vamos. Vá andando feito gente. (Dirigem-se à porta, onde o Porteiro, velho e míope está a postos.)

Bôa tarde!

PORTEIRO

Bôa tarde.

BETINHO

Aqui estão as entradas.

PORTEIRO

Meia para você e uma para o cavalheiro.

BETINHO

Sim, senhor.

PORTEIRO

Hum! (A parte.) Que tipo exquisito! Minha vista não é bôa, mas êsse cidadão aí é bem estranho! (A Dudu.) O senhor parece estar com frio, não? Não? (Dudu sacode a cabeça.) Não está? Mas o senhor veio à matinée todo encapotado!



BETINHO

Não se incomode com êle. Êle é meio surdo. Quer dizer, é meio surdo e completamente mudo.

PORTEIRO

Meio surdo?

BETINHO

É. E é mudo como uma pedra. (Dudu faz que sim, **Betinho o agarra e sacode enèrgicamente.**) Êle é bem surdo, quase completamente surdo, não é, tio Dudu?

PORTEIRO

Ah, êle é seu tio, é?

BETINHO

É meu tio, sim. É o meu tio Dudu. (Dudu aprova.)

PORTEIRO

Êle parece ouvir muito bem o que estamos dizendo.

BETINHO

Bem, êle... um pouquinho êle ouve... pelo jeito que a gente vai falando, êle vai entendendo. Como os surdos, sabe? (Dudu aprova.)

PORTEIRO

Se é surdo, como é que veio ao cinema? O filme é musical. É todo falado.

BETINHO

Bem... êle entende pelo jeito da boca ir mexendo.

PORTEIRO

E a música?

BETINHO

Da música êle não gosta.



PORTEIRO

Não gosta? (Dudu afirma que gosta, Betinho o sacode de novo.)

BETINHO

Êle gosta, mas não ouve, então não adianta gostar.

PORTEIRO

Se êle não ouve, como é que sabe que gosta?

BETINHO

Bem, isso eu não sei... é melhor perguntar p'rá êle... Mas não adianta perguntar, porque êle é surdo...

PORTEIRO

Com uma orelha dêsse tamanho, e é surdo?

BETINHO

Sabe, êle ia ouvindo cada vez menos e a orelha foi crescendo cada vez mais.

PORTEIRO

Ah! entendo! Então quer dizer que êle cheira pouco também.

BETINHO

Como é?

PORTEIRO

Êle foi cheirando cada vez menos, e o nariz foi crescendo cada vez mais.

BETINHO

Sim... quer dizer... êle é um pouco nari-gudo.

PORTEIRO

Pouco narigudo? Isso é um nariz que não acaba mais.

BETINHO

Sim... É um pouco grande... na nossa família tôda gente tem nariz grande. Veja o meu.



PORTEIRO

O seu é pequeno. Mas o dêsse seu tio, é um “negócio”. Que velho narigudo!

(Dudu faz uma série de gestos, brandindo a bengala.)

BETINHO

Não, não, Dudu... tio Dudu... Assim, não... não fale assim!

PORTEIRO

Êle está dizendo alguma coisa? Êle fala com as mãos?

BETINHO

Fala, sim... é o jeito dêle falar. Êle é mudo também, o senhor sabe.

PORTEIRO

E o que é que êle está dizendo?

BETINHO

Nada... não é nada, não... (Mas baixo, a Dudu.) Não faça malcriação, Dudu! Isso é coisa que se diga? É feio dizer isso. (Dudu continua protestando.) Eu sei, eu sei, êle te chamou de narigudo, mas fique quietinho, sim? (Dudu está tão excitado que o chapéu cai no chão.)

PORTEIRO

Essa cara... com êsses orelhões... e êsse nariz comprido que mais parece... Uma tromba! Mas você é um elefante!

BETINHO

Sim... eu... êle... quer dizer

PORTEIRO

Sim, senhor! Põe chapéu, óculos e capote nêsse elefante narigudo e vem entrar no cinema, não é? (Betinho e Dudu, assim apanhados, perdem a chave e estão confusos.) O seu



tio surdo e mudo! Eu já estava meio desconfiado com essa conversa tôda. Minha vista é ruim, mas não sou cego, ouviu?

BETINHO

É que... o meu tio... quer dizer, o Dudu...

PORTEIRO

Chama Dudu êsse elefante?

BETINHO

Chama, sim senhor.

PORTEIRO

E porque você queria botar êle p'rá dentro do cinema?

BETINHO

É que... êle nunca viu um cinema... não sabe como é uma fita... e eu queria que êle visse...

PORTEIRO

Êle é curioso assim?

BETINHO

Êle quer vêr tudo que pode. É um elefante muito inteligente, o meu Dudu.

PORTEIRO

Bem... eu não posso deixar entrar um elefante no cinema... não é permitido... Mas olhe... vamos fazer uma coisa... êle vai até a porta e espia um pouquinho. Está bom assim?

BETINHO

Ah, legal!

PORTEIRO

Depois o Dudu espera aí fora e você assiste o filme todo.

BETINHO

Bacana, assim! Não é Dudu? (Dudu aprova elegemente.)



PORTEIRO

Então podem entrar. Um pouquinho só.
(Afasta uma cortina, Betinho e Dudu se aproximam. Uma senhora vem saindo do cinema, dá um grito de susto: "Jesus!" e sai correndo. Ouve-se a trilha sonora do filme, com tiros, explosões, guincho de pneus derrapando, gritaria e tudo o mais. Após alguns instantes, Dudu, todo encolhido, se afasta com Betinho.)

BETINHO

Gostou, Dudu?

PORTEIRO

Então?

BETINHO

Que é que você diz?

PORTEIRO

Fala, Dudu!

(Dudu, muito pouco entusiasmado, faz uma série de comentários por gestos.)

BETINHO

É? Você acha isso?

PORTEIRO

Que foi?

BETINHO

Ele diz que cinema parece retratinho na parede, retratinho que mexe.

PORTEIRO

E depois?

BETINHO

Ele prefere retratinho em casa. Esse do cinema é muito barulhento, tem muito tiro.

PORTEIRO

Ele não gosta de barulho?



BETINHO

Ele não gosta de tiro. Prefere retratinho em casa, que não mexe e não faz barulho. Diz que a televisão é melhor.

PORTEIRO

Ele acha televisão melhor?

BETINHO

Televisão não paga entrada. E não precisa fingir de tio Dudu para entrar.

PORTEIRO

Ha, ha, ha! Essa é boa! Mas televisão também tem barulho, bang-bang e outras bossas.

BETINHO

Ele diz que quando a televisão faz muito barulho, o papai grita lá de dentro "Baixa essa droga aí!" A gente vira um botão e a televisão faz barulho bem baixinho.

(Betinho entra no cinema, Dudu se afasta para um lado. Por um momento se ouve de novo a trilha sonora cheia de ruidos. Dudu faz gestos de desgosto. Novos tiros, Dudu se encolhe todo. A luz vai-se apagando e o som se extingue. Depois, no escuro, ouvem-se gritos e trilar de apitos.)

VOZ DO GUARDA

Quê é que faz esse elefante no meio da rua? Não sabe que impede o trânsito? Não fique parado aí! Aí também não! Ande, vamos! Você não pode estacionar nêsse lugar! É proibido. Onde está a sua licença? Qual é o número, seu elefante? Pagou os impostos dêste ano? E a vistoria? Já lacrou? Tem extintor de incêndio? Luz trazeira? Sai fóra daí, tire esse corpanzil enorme do caminho! Você está entupindo a rua. Olhe o sinal vermelho! Veja



por onde anda! Não, por aí não! Essa rua é contra-mão!

(Acende-se a luz, Betinho sai correndo do cinema, vai de um lado para outro, aflito, gritando por Dudu.)

BETINHO

Dudu! Dudu! Onde você está? Dudu! (Betinho desaparece por um lado, ouvindo-se ainda seus gritos. Dudu entra por outro lado, torna a sair e torna a entrar, Betinho faz o mesmo, sempre com a voz do guarda gritando.)

VOZ DO GUARDA

Êsse elefante vai ser multado! Um salário mínimo! Olhe o carro! Não corra pela esquerda! Levante a tromba para correr, não dê trombada nos carros. Olhe o ônibus! Cuidado! (Ruido de freiada de carros e gritaria. Afinal Dudu e Betinho se encontram, Betinho segura Dudu e os dois saem correndo de cena.)

(Após mudança de luz, na cena seguinte, Betinho está sentado no chão, num círculo iluminado. Ao lado, Dudu numa espécie de jaula, encolhido e medroso.)

VOZ

Isto é um sonho, Betinho! Você está sonhando, nada mais. Sabe quem eu sou? Eu sou todos aqueles que não gostam do Dudu. Dêsse elefante feio e mal educado. Que adianta você dizer que êle é engraçadinho e simpático? Nós não achamos. E porquê haveríamos de achar? Dudu estragou a horta e o jardim dos vizinhos. D. Angélica detesta Dudu, seu Bonifácio também. Lembra do motorista do ônibus? Êle não quis deixar Dudu entrar. "Um elefante no meu ônibus? De jeito nenhum".



E a moça da loja? “Imaginem só, um elefante experimentando roupa na minha loja. Fóra daqui, seu elefante pavoroso”. E o guarda de trânsito? Lembra como êle apitava feito doído? E o pessoal da feira? Com o Dudu derrubando caixotes de tomates? E a sorveteria onde Dudu entrou e virou tôdas as mesas e cadeiras, só p’rá pegar um copinho de sorvete? E aquêle comício na praça, onde Dudu se meteu fazendo desabar o palanque e pondo todo mundo p’rá correr? Que diz você disso tudo? Não venha com essa desculpa: Dudu não faz por mal, êle é bônzinho, gosta de tôda gente, é amigo de todos. Bolas para o seu Dudu! Bôas intenções não servem de desculpa! Por isso você vai perder o seu elefantinho. Lugar de bicho é no mato. Nada de andar pela rua, assustando as pessôas. Fóra com Dudu! Fóra!

(Dudu derruba as grades e sai correndo de cêna. A luz se acende, Betinho se levanta, vai correr soluçando, a Professôra entra e êle se atira em seus braços.)

PROFESSÔRA

Betinho!

BETINHO

Me ajude, Professôra! Me ajude!

PROFESSÔRA

Sim, sim, Betinho. Claro que ajudo você.

BETINHO

Ninguém gosta mais de mim.

PROFESSÔRA

Não é isso, Betinho. Todo mundo gosta de você. Você é um bom menino.



BETINHO

Todos brigam comigo. Por causa de Dudu.

PROFESSÔRA

Sim, eu sei. É por causa do Dudu. Eles gostam de você, mas não querem o Dudu.

BETINHO

Mas eu quero o Dudu! Não quero que ele vá embora!

PROFESSÔRA

Vamos resolver êsse assunto. Olhe para mim. Enxugue os olhos. Vamos pensar um pouco. Nós dois juntos. Está bem?

BETINHO

Está, Professôra.

PROFESSÔRA

Você tem confiança em mim?

BETINHO

Eu sei que a senhora gosta de mim.

PROFESSÔRA

Gosto. E olhe, sua mãe também gosta, e seu pai também.

BETINHO

Mas só Cidinha gosta do Dudu, lá em casa.

PROFESSÔRA

As crianças tôdas gostam do Dudu. E eu também.

BETINHO

Os grandes não gostam...

PROFESSÔRA

Os grandes não compreendem muita coisa. As crianças gostam de sonhos, de fantasias. Ou de bichinhos. Umas querem um gatinho, ou um cachorrinho. Outras, como vê, querem um elefantinho. As crianças não separam uma coisa da outra. Elas não enxergam as difíceis



dades que os adultos criam. E os adultos não entendem isso. Os adultos não sabem o faz-de-conta que as crianças tôdas sabem.

BETINHO

E o que é que eu faço agora?

PROFESSÔRA

Deixe a tristeza de lado. Eu descubro um jeito de ajudar você.

BETINHO

O Diretor do Zoológico vem buscar o Dudu.

PROFESSÔRA

Eu sei. Eu falarei com êle.

BETINHO

Papai escreveu uma carta p'ro Zoológico. Êle quer que o Dudu fique lá.

PROFESSÔRA

Sim, sim. Mas veja bem que êle está certo. Dentro do ponto de vista de gente grande.

BETINHO

A senhora acha?

PROFESSÔRA

Acho. Êle está tendo problemas com os vizinhos. O guarda do trânsito foi reclamar, os homens da feira também. E os políticos daquele comício, e o dono da sorveteria. Vocês crianças, vivem num mundo feito pelos adultos. Por isso essas coisas contam. Se o mundo fosse feito pelas crianças, seria diferente. Mas seu pai e sua mãe são obrigados a viver de acôrdo com as regras que os adultos criaram. Por isso êles estão certos, dentro desse ponto de vista.

BETINHO

E eu estou errado?



PROFESSORA

Não. Você também está certo. A criança vê as coisas de outra maneira. Por isso há um conflito. Sabe o que é conflito?

BETINHO

Não.

PROFESSORA

Conflito é uma briga, um choque. O mundo das crianças briga com o mundo dos grandes.

BETINHO

E a gente, que é pequeno, perde a briga, não é?

PROFESSORA (rindo)

É. Depois vocês ficam grandes e entram no mundo dos adultos. E passam a brigar com as crianças também.

BETINHO

Como é que a gente faz, então?

PROFESSORA

Sabendo que existe êsse conflito — aquela briga, sabe? — a gente pode melhorar muita coisa. Basta saber, e já começa a melhorar.

BETINHO

Então pode melhorar para mim? E p'ro Dudu, também?

PROFESSORA

Pode. Vou vêr o que podemos fazer. Primeiro, vou conversar com o Diretor do Zoológico. Está certo?

BETINHO

Está. A senhora sabe mais do que eu.

PROFESSORA

Então venha.

(Dá a mão a Betinho e o conduz até onde estão o Pai e o Diretor do Zoológico.)



BETINHO

É aqui a minha casa.

PROFESSORA

Entre, Betinho. E que tudo corra bem com você.

BETINHO

Adeus, Professora.

PROFESSORA

Até breve.

(Betinho entra em casa e assume a posição anterior à retrospeção.)

DIRETOR DO ZOOLOGICO

Então foi essa a estória tôda?

BETINHO

Foi.

DIRETOR

Você não tem mais nada p'rá contar?

BETINHO

Não. Acho que não. Já contei tudo. (Levanta-se.) Agora vou buscar o Dudu.

DIRETOR

Um momento, Betinho. Há um papel aqui que eu trouxe. (Tira um papel do bolso, abre-o.) Sabe o que é isto?

BETINHO

Não.

DIRETOR

É para você. Quer que eu leia? (Aceno de Betinho.) Aqui diz: "Do Jardim Zoológico ao menor Alberto de Souza. Pela doação do elefante Dudu ao nosso patrimônio...". Sabe o que é patrimônio?

BETINHO

Não.



DIRETOR

É tudo aquilo que a gente possui.

BETINHO

Ah!

DIRETOR

Fica o referido menor, reconhecido como tratador honorário e vitalício...

BETINHO

Heim?

DIRETOR

Vitalício quer dizer para toda a vida.

BETINHO

P'ra toda a vida?

DIRETOR

É. Você poderá entrar no Zoológico quando quiser, quantas vezes quiser. Tem permanente, e pode entrar até com o Zoológico fechado.

BETINHO

É p'rá mim... tudo isso?

DIRETOR

É. Assinado por mim, que sou o Diretor.

BETINHO

Quer dizer que... que eu posso...

DIRETOR

Pode ir vêr Dudu o dia que quiser. Não paga nada. Domingos, feriados, dias de semana, a qualquer hora o porteiro fará você entrar.

BETINHO

Então... não vou perder o meu Dudu?

DIRETOR

Não. Você poderá até mesmo passear com êle pelas ruas em volta do parque.

BETINHO

Oba! Viva! Legal!



DIRETOR

Dudu vai ter uma casa de tijolo, muito bonita, com lugar p'ra dormir e p'ra comer.

BETINHO

Vai ser bárbaro!

DIRETOR

E ganhará um arreio todo enfeitado, e licença p'ra passear na rua com você.

BETINHO

Bacana! Vamos passear todos os dias!

DIRETOR

Se você quiser.

PAI

Está vendo, Betinho? O caso não é tão ruim como você estava achando.

BETINHO

Mas... quando eu ficar grande e o Dudu ficar grande, não podemos mais passear juntos?

DIRETOR

Porque não? Você é tratador vitalício, p'ra tôda a sua vida. E sabe porque?

BETINHO

Não.

DIRETOR

A sua Professôra foi conversar comigo. Contou a grande amizade sua com Dudu. Tudo isso que você me contou, ela também contou para mim. E eu achei que seria bom, p'ra você e p'ro Dudu, que você ganhasse o cargo de tratador.

BETINHO

Tratador! Que bom!



DIRETOR

Aqui está o documento de nomeação, e aqui uma permanente. Meus parabens!

(Aperta a mão de Betinho. Cidinha, que participou de tôdas as manifestações de alegria, chega-se correndo e abraça Betinho.)

CIDINHA

Que bom, Betinho! Você, tratador! É o máximo!

(O Pai e a Mãe se chegam e abraçam e beijam Betinho.)

PAI

Muito bem, Betinho. Merece parabens.

MÃE

Que bom, não é, meu filho? Estou muito contente.

BETINHO

Obrigado. Obrigado. P'ra todos.

DIRETOR

Esteja certo, Betinho, de que o Dudu vai-se dar muito bem conosco.

BETINHO

Obrigado.

DIRETOR

Agora que está cumprida a minha missão, eu me despeço. Até logo para todos!

TODOS

Até logo!

DIRETOR

E não se esqueça, Betinho, que o caminhão está lá fóra, p'ra levar o Dudu. O tratador n.º 1 está na porta, e você, que é o tratador n.º 2, deve ir também acompanhando o Dudu até o Zoológico. (Faz um sinal amistoso e sai.)



CIDINHA

E agora? Onde está o Dudu?

BETINHO

Lá no quintal, acabando o serviço.

PAI

Que serviço?

BETINHO

O do aterro.

PAI

Do aterro? Como?

(Soa de novo a campainha.)

CIDINHA

Será o tratador, que está com pressa?

(Corre à porta, é o Fiscal da Prefeitura com um envelope na mão.)

FISCAL

Sou eu de novo.

CIDINHA (para dentro)

Papai, é o Fiscal da Prefeitura.

PAI (aparecendo ao Fiscal)

Veio entregar a intimação do aterro?

FISCAL

Vim. Mas não é propriamente uma intimação.

PAI

Que é, então?

FISCAL

Um relatório. Está aqui.

PAI

E qual é o prazo para consertar o aterro?

FISCAL

Nenhum. A coisa mudou muito. Quando estive aqui, aquele elefantinho no quintal.

TODOS

Dudu!



PAI

Meu Deus! Que será que o Dudu fez agora?

FISCAL

Fez, sim. E não foi pouco, não!

PAI

Já sei que vem mais reclamação por aí. Estou preparado para tudo. Que foi que o Dudu destruiu?

FISCAL

Destruiu? Não destruiu nada, que eu visse. Até construiu.

PAI

Constr... Construiu o que?

FISCAL

O elefantinho estava socando pedra e terra no fundo do quintal.

BETINHO

É sim, Papai. O Dudu trabalhou o dia todo.

PAI

Trabalhou como?

BETINHO

Com a tromba e as patas. E arrumou o aterro.

FISCAL

Foi um bom trabalho. Não há dúvida.

(Dudu aparece na sala. O Fiscal vai para êle, pega-lhe na pata.) Meus parabens, Dudu. Seu trabalho foi ótimo. Êste papel diz que a intimação está sem efeito. (Entrega o papel ao Pai, que está estupefato.) Está tudo legal. Os vizinhos já viram e aprovaram. Por isso, não tenho mais nada a fazer aqui. Passem todos muito bem, e cuidem bem do seu elefantinho, que êle vale ouro. Ouro, mesmo! Até logo! (Sai.)



BETINHO

Viva! O meu elefantinho vale ouro!

CIDINHA (batendo palmas)

Dudu, você é precioso! Você é formidável!
(Beija Dudu.)

BETINHO

P'ra mim, sempre valeu ouro.

MÃE

Dudu, você saiu melhor do que a gente esperava.

(Betinho e a Mãe abraçam Dudu, enquanto o Pai volta a si do seu espanto.)

PAI

Dudu... Você resolveu o problema do aterro!
Parece mentira!

MÃE

E salvou a situação da vizinhança tôda!

PAI

Bem... retiro tudo o que disse antes...

BETINHO

Dudu é um gênio!

PAI

Sim... de fato... êle é genial.

CIDINHA

Genial!

BETINHO

Supergenial!

CIDINHA

Que pêna que você vai embora!

MÃE

É mesmo.

PAI

Bem... se você é tão bom assim

BETINHO

P'ra lá de bom.



PAI

Se vale ouro, como dizem. . .

CIDINHA

Vale quanto pesa.

PAI

Sim, quer dizer. . . pensando bem. . . nós. . .

CIDINHA

Ele pode ficar?

BETINHO

Pode?

PAI

. . . sim, pensando melhor . . . ele pode ficar.

CIDINHA

Viva!

BETINHO

Oba! Dudu vai fic. . . (Dudu arrebatava o papel que o Diretor do Zoológico pôs na mão de Betinho e agita-o no ar, gesticulando orgulhosamente. Betinho muda de atitude. Caminha empertigado até Dudu, retoma o papel nas mãos e fica um instante silencioso e compenetrado.) Meu pai! Agora não pode ser mais. Já combinamos com o Diretor. De hoje em diante pertencemos ao Zoológico: o Dudu é do patrimônio, e eu sou tratador vitalício. (Toma o braço de Dudu.) Vamos, Dudu. O tratador número um está esperando lá fora. Ao Zoológico! (Saem os dois.)

F I M

